

info@marcador.pt  
www.marcador.pt  
facebook.com/marcadoreditora  
instagram.com/marcador\_editora

© 2019

Direitos reservados para Marcador Editora,  
uma empresa Editorial Presença  
Estrada das Palmeiras, 59  
Queluz de Baixo  
2730-132 Barcarena

Copyright © 2013 by Alexandra Bracken

Edição original publicada por Hyperion, uma chancela de Disney Book Group.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer forma sem  
permissão por escrito do proprietário legal.

Título original: *Never Fade*

Autora: Alexandra Bracken

Tradução: Ana Catarina Brasil

Pré-impressão: Fotocompográfica, Lda.

Capa: Vera Braga/Marcador Editora

Imagens da capa: Shutterstock

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal n.º 455 261/19

1.ª edição, Lisboa, maio, 2019

## PRÓLOGO

O SONHO SURTIU, PELA PRIMEIRA VEZ, DURANTE A MINHA SEGUNDA SEMANA em Thurmond, e passou a visitar-me, pelo menos, duas vezes por mês. Pareceu-me coerente que o sonho tenha nascido lá, por detrás do zumbido da vedação elétrica do campo. Tudo naquele lugar nos definhava até ao nosso pior, independentemente de quantos anos passassem — dois, três, seis. Envergando aquela farda verde, preso na mesma rotina monótona, o tempo parava e engasgava-se como um carro moribundo. Eu sabia que estava a envelhecer, entrevia as mudanças do meu rosto nas superfícies metálicas das mesas do refeitório, mas não me sentia mais velha. A pessoa que eu era e a pessoa que eu fora haviam-se desligado, deixando-me encalhada algures no meio. Chegava a perguntar-me se ainda seria a Ruby. No campo, não tinha nome fora da minha barraca. Eu era um número: 3285. Era um ficheiro num servidor ou fechado num arquivo cinzento-metálico. As pessoas que me haviam conhecido antes de eu ir para o campo já não me conheciam.

Começava sempre com o mesmo estrondo, a mesma explosão de ruído. Eu era velha — torcida e curvada e dorida —, imóvel no meio de uma rua movimentada. Podia ser algures na Virgínia, onde nasci, mas já não ia a casa há tanto tempo que não conseguia ter a certeza.

Os carros passavam de ambos os lados, em direções opostas, ao longo de uma faixa de estrada escura. Às vezes, ouvia o troar de uma tempestade que se aproximava, outras vezes o retumbar das buzinas dos carros cada vez mais alto, e mais alto, e mais alto, à medida que se aproximavam. Às vezes, não ouvia nada.

Mas, fora isso, o sonho era sempre o mesmo.

Um conjunto idêntico de carros pretos chiava até pararem junto de mim e então, mal olhava para cima, mudavam de direção. Tudo mudava de direção.

A chuva descascava-se do asfalto negro e lodoso, flutuando e subindo no ar em gotas perfeitas e reluzentes. O sol recuava, deslizando pelo céu atrás da lua. E, a cada ciclo que se encerrava, sentia as minhas velhas costas curvadas desenrolarem-se, osso a osso, até eu ficar de novo bem direita. Quando levantava as mãos até aos olhos, as rugas e as veias azuladas suavizavam-se, como se a velhice se evaporasse de mim.

E, então, essas mãos iam ficando cada vez mais pequenas, e mais pequenas, e mais pequenas. A minha visão da estrada mudava. As minhas roupas pareciam engolir-me. Os sons eram ensurdecedores e cada vez mais inclementes e cada vez mais confusos. O tempo apenas corria para trás, sempre com mais força, levantando-me os pés do chão, espatifando-se contra a minha cabeça.

Costumava sonhar com a possibilidade de recuar no tempo, de reaver o que perdera e a pessoa que costumava ser.

Mas agora já não.

## UM

A CURVA DO MEU BRAÇO FECHOU-SE À VOLTA DA GARGANTA DO HOMEM, apertando-se mais sempre que as solas de borracha das suas botas golpeavam o chão. As suas unhas morderam o tecido negro da minha camisa e das minhas luvas, agarrando-se a elas em desespero. Mesmo com o oxigénio a ser-lhe cortado do cérebro, os seus pensamentos continuavam a surgir. Vi tudo. As suas memórias e os seus pensamentos ardiam, incandescentes, por detrás dos meus olhos, mas não abrandei, nem mesmo quando a mente apavorada do guarda trouxe à superfície uma imagem dele próprio, olhando, pasmado, para o teto do corredor escuro. Morto, talvez?

Mas eu não ia matá-lo. O soldado estava de cabeça e ombros sobre mim, e um braço dele era do tamanho de uma perna minha. Só conseguira antecipar-me a ele, porque ele estava de costas para mim.

O instrutor Johnson chamava a este movimento o Trava-Pescoços, e ensinara-me muitos outros. O Abre-Latas, o Crucifixo, o Roda-Pescoços, o Nelson, o Tornado, o Trava-Punhos e o Estala-Espinhas, só para dar uma ideia. Eram todas formas de eu, uma miúda com pouco mais de 1,60 m, conseguir controlar bem alguém que me ultrapassasse fisicamente. O suficiente para me dar tempo de sacar da minha verdadeira arma.

O homem estava agora a alucinar. Deslizar até à sua mente fora fácil e indolor. Todos os pensamentos e memórias que chegavam à superfície da sua consciência estavam manchados de negro. A cor sangrava através deles como um borrão de tinta num papel molhado. Só então, depois de ter as minhas garras dentro dele, larguei o seu pescoço. Provavelmente, não era nada disto que esperava quando saiu pela porta do lado da loja, bem escondida, para fumar um cigarro.

O ar fresco da Pensilvânia tornara-lhe as faces, sob uma pálida barba de dias, de um vermelho-vivo. Exalei um único fôlego quente por detrás da máscara de esqui e limpei a garganta, totalmente consciente dos dez pares de olhos focados em mim. Os meus dedos tremeram ao deslizar pela pele do homem, que cheirava a fumo entranhado e às pastilhas de menta que utilizava para tentar encobrir o seu hábito nojento. Inclinei-me para a frente, pressionando dois dedos contra o seu pescoço.

— Acorda — sussurrei. O homem forçou os olhos até os abrir, arregalados e infantis. Algo no meu estômago se contorceu.

Olhei por cima do ombro para a equipa tática atrás de mim, e que observava tudo isto em silêncio, rostos invisíveis por detrás das máscaras.

— Onde está o Prisioneiro 27? — perguntei. Estávamos fora da mira das câmaras de vigilância, razão pela qual, suponho, o soldado em causa se sentira suficientemente seguro para se escapulir num intervalo não programado. Mas eu estava mais do que ansiosa para acabar com aquilo.

— Despacha-te lá! — disse a Vida entre dentes, ao meu lado.

As minhas mãos estremeeceram com a onda de calor que senti nas costas mal o líder da equipa tática apareceu por trás de mim. Fazer isto já não doía como dantes. Já não me espremia a mente, nem a torcia em nós de dor. Ainda assim, tornava-me sensível aos sentimentos intensos de qualquer pessoa próxima de mim, nomeadamente à repugnância do homem. Ao seu ódio negro. Negro.

Pelo canto do olho, vi o cabelo escuro do Rob. A ordem para seguirem sem mim estava prestes a derramar-lhe dos lábios. Das três operações em que havia participado com ele na qualidade de Líder, só havia sido capaz de terminar uma.

— Onde está o Prisioneiro 27? — repeti, dando, com a minha, um apertão à mente do soldado.

— Prisioneiro 27. — Ao repetir estas palavras, o seu pesado bigode estremeceu. O toque cinza que nele existia fazia com que parecesse mais velho do que era. O dossiê de tarefas que nos haviam dado na Sede incluía informações sobre todos os soldados colocados naquele *bunker*, incluindo sobre este homem — Max Brommel. Quarenta e quatro anos, natural de Cody, Wyoming. Mudara-se para Pittsburgh, Pensilvânia, para trabalhar em programação, emprego que perdeu quando a economia entrou em crise. Uma esposa gentil, atualmente desempregada. Dois filhos.

Ambos mortos.

Uma tempestade de imagens tenebrosas inundou cada canto e cada fresta da sua mente. Vi mais uma dúzia de homens, todos envergando os mesmos camuflados e saltando da traseira de uma carrinha, enquanto muitos outros saltavam dos *Humvees* que serviam de apoio à viatura maior — repleta

de criminosos, suspeitos de terrorismo e, estando corretas as informações que a Liga das Crianças havia recebido, com um dos nossos melhores agentes.

Observei, subitamente tranquila, aqueles mesmos soldados a tirarem um... dois... não, três homens da traseira do caminhão. Não eram oficiais das Forças Especiais Psi, nem eram do FBI, nem da CIA, nem eram da equipa SWAT ou SEALs, pois todos eles poderiam ter aniquilado as nossas reduzidas forças num único golpe rápido. Não, eram soldados da Guarda Nacional, de regresso ao ativo devido aos tempos terríveis que se atravessavam. Pelo menos nisso, as informações que havíamos recebido estavam corretas.

Os soldados haviam puxado e apertado os capuzes sobre as cabeças dos prisioneiros, forçando-os a descer as escadas da loja abandonada até à porta de correr prateada do *bunker*, escondida mais abaixo.

Depois de grande parte de Washington, DC ter sido destruída por um grupo a que o presidente Gray chamara de «miúdos Psi pervertidos», Gray tivera especial cuidado na construção destas ditas minifortalezas ao longo da Costa Leste, para o caso de se dar outra emergência da mesma magnitude. Algumas foram construídas por baixo de hotéis, outras nos lados de montanhas e outras ainda, como esta, estavam escondidas à vista de todos em vilazinhas, por baixo de lojas ou edifícios governamentais. O objetivo era proteger Gray, proteger o seu governo e militares importantes, além de, ao que parecia, encarcerar «ameaças de alto risco para a segurança nacional».

O nosso Prisioneiro 27 estava incluído neste grupo e parecia receber tratamento especial.

A sua cela ficava ao fundo de um longo corredor, dois pisos abaixo do solo. Era um quarto solitário com um teto escuro e baixo. As paredes pareciam escorrer à minha volta, mas a memória mantinha-se firme. Deixaram-no ficar com o capuz e ataram-lhe os pés à cadeira de metal que estava no centro da cela, sob a auréola formada por uma única lâmpada nua.

Descolei-me devagar do cérebro do homem, desprendendo-me dele, física e mentalmente. Ele deslizou pelo grafiti na parede da lavandaria abandonada, ainda nas garras da neblina do seu próprio cérebro. Retirar a memória do meu rosto, bem como os homens que estavam atrás de nós no beco, foi como apanhar pedras do fundo de um lago raso e cristalino.

— Dois pisos abaixo, quarto Quatro B — disse eu, virando costas ao Rob. Tínhamos um esboço da disposição do *bunker*, mas não tínhamos quaisquer informações sobre que direção tomar: não éramos cegos, mas não estávamos propriamente a arrasar no que respeitava a rigor. Além disso, a disposição básica dos *bunkers* era sempre, mais ou menos, a mesma. Uma escadaria ou um elevador que percorria um dos lados da estrutura e um longo corredor em cada nível.

Ele levantou uma mão enluvada, interrompendo as minhas instruções e fazendo sinal à equipa atrás de si. Passei-lhe o código retirado da memória do

soldado, 6-8-9-9-9-9-\*, e afastei-me, arrastando a Vida comigo. Ela resmungou, empurrando-me para o soldado mais próximo.

Não consegui ver os olhos do Rob por detrás dos seus óculos de visão noturna enquanto a luz verde relampejava, mas não precisava de o fazer para conseguir ler as suas intenções. Ele — um antigo Ranger do exército, como adorava relembrar-nos — não pedira a nossa presença e, com toda a certeza, não nos queria a segui-lo, até porque conseguiria facilmente lidar com a situação apenas com alguns dos seus homens. Acima de tudo, penso que ele estava furioso por ter de fazer isto. Era política da Liga que quem fosse apanhado seria renegado. Ninguém viria salvar ninguém.

E se o Alban queria este agente de volta era porque tinha uma boa razão para isso.

O cronómetro começou a contar no momento em que a porta se abriu. Quinze minutos para entrar, pegar no Prisioneiro 27 e pormo-nos a andar, para bem longe. Quem saberia se tínhamos sequer tanto tempo? O Rob estimara apenas quanto tempo demorariam os reforços a chegar mal os alarmes fossem ativados.

A porta abriu-se para a escadaria na traseira do *bunker*, que ia escurecendo, secção a secção, até haver apenas algumas luzes a guiar-nos pelos degraus de metal. Ouvi um dos homens cortar o fio da câmara de segurança empoleirada por cima de nós e senti a mão da Vida a empurrar-me para a frente, mas demorou — demorou muito — até que o meu olhar se adaptasse. Vestígios dos químicos da lavandaria agarravam-se ao ar seco e reciclado, queimando-me os pulmões.

Então, começámos a andar. Rápida e silenciosamente, tão silenciosamente quanto possível para um grupo de gente com botas pesadas que retumbavam escadas abaixo.

O sangue latejava-me nos ouvidos quando cheguei, com a Vida, ao primeiro patamar. Seis meses de treino não era muito tempo, mas era tempo suficiente para aprender a apertar o já conhecido colete à prova de balas à volta do tronco.

Senti algo duro bater-me nas costas, e depois algo ainda mais duro — um ombro, uma arma, depois outra, depois mais, até que o ritmo se tornou de tal forma constante que, para fugir, tive de me espremer contra a porta do patamar e entrar no *bunker*. A Vida emitiu um som agudo quando o último membro da equipa, num sopro, passou por nós. Só o Rob parou para falar connosco. «Protejam-nos até passarmos, depois vigiem a entrada. Ali mesmo. *Não* abandonem as vossas posições.»

— Supostamente, o que devemos fazer é... — começou a Vida. Coloquei-me à frente dela, cortando-lhe a palavra. Não, não era isto que estava delineado nos parâmetros da operação, mas era melhor para nós. Não havia qualquer razão para que alguma de nós os seguisse até ao *bunker* e arriscasse

morrer. E a Vida sabia que o Rob era o Líder naquela noite — tinham-nos infundido essa informação no crânio milhões de vezes. A primeiríssima regra, a única que interessava quando se chegava àquele momento entre batimentos cardíacos aterrorizados, era a de que tínhamos sempre, mesmo perante fogo ou morte ou captura, *sempre* de seguir o Líder.

A Vida estava atrás de mim, suficientemente perto para que eu sentisse o seu fôlego quente através da malha espessa e negra da minha máscara. Suficientemente perto para que a fúria que irradiava cortasse o ar gélido de Filadélfia. A Vida irradiava uma espécie de sede sanguínária, especialmente quando o Líder da operação era a Cate. A excitação de provar as suas capacidades à nossa Tutora aniquilava até os melhores ensinamentos que a Vida recebera durante a formação. Para ela, isto era um jogo, um desafio, um meio para exibir a sua pontaria perfeita, o seu treino em combate, as suas capacidades Azuis incisivamente aprimoradas. Para mim, era simplesmente mais uma oportunidade perfeita para que a matassem. Aos dezassete anos, a Vida poderia até ser a aluna perfeita, representar o nível que a Liga exigia às suas restantes aberrações, mas havia algo que ela nunca fora capaz de dominar: a sua própria adrenalina.

— Não voltes a tocar-me, cabra — grunhiu ela, a raiva baixando-lhe a voz. Começou a recuar para seguir os outros escadas abaixo. — És mesmo uma cobarde de merda, vais aceitar isto tudo sem sequer levantar um dedo? Não te interessa que ele nos tenha desrespeitado? Tu...

As escadas levantaram-se sob os meus pés, como que respirando fundo apenas para deixar sair o ar numa explosão. O choque dessa sensação pareceu desacelerar o próprio tempo: quando dei por mim, estava no ar, lançada com tal força contra a porta que pensei senti-la amolgar-se na minha nuca. A Vida bateu contra o chão, cobrindo a cabeça, e só nesse momento é que ouvimos o estrondo da granada, destruindo em pedaços a entrada por baixo de nós.

O ar enfumaçado era suficientemente espesso para me estrangular, mas a desorientação era muito pior. Quando forcei as pálpebras para abrir os olhos, parecia que haviam sido esfoladas e esfregadas em carne viva. Uma luz carmesim pulsava no escuro, empurrando as nuvens de destroços do cimento. O latejar abafado que sentia nos ouvidos... não era o meu batimento cardíaco. Era o alarme.

Porque teriam usado a granada quando sabiam que o código daquela porta era o mesmo da porta exterior? Não tinha havido disparos: estávamos suficientemente perto para ouvir o ataque da equipa tática. Mas agora todos ficariam a saber da nossa presença ali — não fazia sentido para uma equipa de profissionais.

Arranquei a máscara da cara, arranhando a orelha direita. Senti uma dor aguda, lancinante, e o intercomunicador desfez-se em pedaços. Com a mão



enluvada, fiz pressão contra a dor enquanto, trôpega, me levantei, pestanejando para afastar as ondas de náuseas que vinham umas a seguir às outras. Mas, quando me voltei à procura da Vida, para a arrastar escadas acima até sairmos para a noite gélida da Pensilvânia, percebi que ela desaparecera.

Passsei duas aterrorizadas batidas de coração a procurar o corpo dela no enorme buraco do patamar da escadaria, observando a equipa tática a passar por mim a correr. Encostei-me à parede e tentei manter-me de pé.

— Vida! — Senti a palavra a sair da minha garganta, a desaparecer sob o latejar dos meus ouvidos. — Vida!

A porta do patamar onde me encontrava estava esmagada, amolgada, chamuscada..., mas ainda funcionava, pelos vistos. Com um gemido, começou a abrir-se, apenas para, a meio, se deter, num ranger horrível. Atirei-me para trás, contra a parede, subindo dois degraus da escadaria fragmentada. A escuridão recebeu-me de novo sob o seu manto, enquanto o primeiro soldado se esgueirava pela porta, a sua arma a balançar naquele espaço apertado. Respirei fundo e agachei-me. Tive de pestanejar três vezes para conseguir limpar a visão e, por essa altura, já estavam os soldados numa luta para passar a porta, saltando por cima do buraco dentado na plataforma e descendo as escadas. Vi quatro a passar, depois cinco, depois seis, engolidos pelo fumo. Parecia segui-los um zunzunar de estalidos e só quando me coloquei de pé, passando o braço pelo rosto, percebi que eram disparos vindos dos andares de baixo.

A Vida havia desaparecido, a equipa tática estava agora metida num ninho de vespas que ela própria criara, e o Prisioneiro 27...

*Raios partam*, pensei, recuando e descendo para o patamar. Havia mais de vinte ou trinta soldados a encher os *bunkers*, que eram demasiado pequenos para alojar mais do que isso, mesmo que temporariamente. Mas só porque o corredor estava vazio agora, isso não significava que o tiroteio tivesse atraído toda a atenção lá para baixo. Se eu fosse apanhada, acabava-se a história. Seria o meu fim. Matar-me-iam de uma forma ou de outra.

Mas havia aquele homem que eu vira, aquele com o capuz a tapar-lhe a cabeça.

Não sentia qualquer espécie de lealdade para com a Liga das Crianças. Havia um contrato entre nós, um estranho contrato verbal, tão pragmático quanto sangrento. Além dos membros da minha equipa, não havia gente com quem me preocupar e, com certeza, não havia ninguém que se preocupasse comigo além do mínimo indispensável, que era manter-me viva e disponível para me impor aos seus alvos como um vírus.

Os meus pés não se mexiam, ainda não. Havia alguma coisa sobre aquela cena que continuava a repetir-se uma e outra vez na minha cabeça. Era a

forma como haviam atado as mãos dele, a forma como haviam levado o Prisioneiro 27 pelas trevas desconhecidas do *bunker*. Era o brilho das armas, a improbabilidade da fuga. Senti o desespero crescer em mim como uma nuvem de fumo, espalhando-se pelo meu corpo.

Eu sabia o que era ser prisioneiro. Sentir o tempo prender-se e parar porque todos os dias perdemos um pouco de esperança de que a nossa situação mude, de que alguém venha ajudar-nos. E pensei que se um de nós conseguisse chegar a ele, mostrar-lhe que estávamos ali antes de a operação falhar, valeria a pena tentar.

Mas não havia um caminho seguro para chegar lá abaixo e o tiroteio enfurecia-se de uma forma que apenas as armas automáticas permitiam. O Prisioneiro 27 haveria de saber que as pessoas estavam lá — e que não eram capazes de chegar a ele. Tive de sacudir a compaixão. Tinha de parar de pensar que estes adultos mereciam qualquer forma de compadecimento, especialmente os agentes da Liga. Até os novos recrutas tresandavam a sangue.

Se ficasse onde estava, no sítio exato em que o Rob ordenara que ficasse, talvez nunca viesse a encontrar a Vida. Mas, se saísse e lhe desobedecesse, ele ficaria furioso.

*Talvez ele quisesse que estivesse lá quando se desse a explosão*, sussurrou uma vozinha no fundo da minha mente. *Talvez ele esperasse que...*

Não, não iria pensar sobre isso agora. A Vida estava sob minha responsabilidade. Não o Rob, não o Prisioneiro 27. Maldita Vida, essa víbora. Quando saísse dali, quando encontrasse a Vida, quando estívéssemos a salvo na Sede, haveria de reviver a situação na minha mente. Agora não.

Os meus ouvidos ainda latejavam com a pulsação, demasiado alto para que eu ouvisse os passos pesados que vinham do posto de vigilância na lavanderia. Mal a minha mão roçou a porta exterior, esbarrámos um no outro.

O soldado era jovem. Se tivesse ido sozinho, teria pensado que ele era poucos anos mais velho do que eu. Ryan Davidson, encheu-se o meu cérebro, cuspidando todo o tipo de informações inúteis a partir do ficheiro da missão. Nascido e criado no Texas. Guarda Nacional desde que a sua faculdade fechara. Especializado em História da Arte.

No entanto, uma coisa era ter a vida de alguém impressa em letras pretas e nítidas, esparramadas à nossa frente, outra coisa, muito diferente, era estar cara a cara com a pessoa em carne e osso. Sentir o calor do seu mau hálito e ver a pulsação a saltar-lhe na garganta.

— E... ei! — Ele tentou alcançar a arma que estava ao seu lado, mas lancei-lhe um pé à mão e atirei a arma, retinindo, para o outro lado do pátio, escadas abaixo. Ambos mergulhámos para lhe chegar.

O meu queixo bateu contra o metal prateado e o impacto estremeceu-me com o cérebro. Durante um segundo ofuscante, não vi nada a não ser um clarão branco imaculado à frente dos olhos. E então tudo voltou, numa

cor viva e brilhante. A dor filtrou-se para a seguinte. Quando o soldado me derrubou e caí no chão, os meus dentes afundaram-se no lábio superior, que rebentou. Um jato de sangue pulverizou a escadaria.

O guarda imobilizou-me no chão com o peso do seu corpo. No instante em que o senti virar-se, soube que ia agarrar no rádio. Ouvi uma mulher a tagarelar. Ouvi-a dizer «reportar ponto da situação» e «vou subir», e a noção de quão lixada eu estaria se alguma dessas coisas realmente acontecesse enviou-me para aquilo a que o instrutor Johnson gostava de chamar «pânico controlado».

Pânico, porque a situação parecia estar a intensificar-se rapidamente.

Controlado, porque era eu a predadora naquela situação.

Uma das minhas mãos estava presa sob o meu peito, a outra entre as minhas costas e o estômago dele. Foi essa que escolhi. Agarrei e amarrotei a farda dele o melhor que pude, enquanto procurava pela sua pele. Os deambulantes dedos do meu cérebro alcançaram a cabeça dele e forçaram a sua entrada, um de cada vez. Batalharam para atravessar a memória do meu rosto perplexo por detrás da porta, além de imagens, de uma melancolia temperamental, de mulheres a dançar em palcos pouco iluminados, um campo, outro homem a esmurrá-lo...

Depois, o peso desapareceu e o ar, frio e bafiento, voltou a inundar-me os pulmões. Rolei sobre mim e apoiei-me nas mãos e joelhos, arfando por mais ar. A figura de pé por cima de mim havia-o enviado escadas abaixo como um pedaço de papel amarrotado.

— Levanta-te! Temos de... — As palavras pareciam arrastadas debaixo de água. Não fossem os fios de cabelo escandalosamente violeta a saírem por baixo da máscara e seria provável que não chegasse a reconhecer a Vida. A sua roupa preta estava rasgada e ela parecia estar a coxear, mas estava viva e estava ali, praticamente inteira. Ouvi a sua voz através do zumbido abafado que tinha nos ouvidos.

— Meu Deus, és lenta! — berrou ela. — Vamos!

Ela começou a descer as escadas, mas agarrei-lhe pela nuca do colete à prova de bala e puxei-a para trás.

— Vamos lá para fora. Assim, protegemos a entrada. O teu intercomunicador está a funcionar?

— Ainda estão à pancada lá em baixo! — gritou ela. — Podem usar-nos! Ele disse para não sairmos das nossas posições!

— Então considera isto uma ordem *minha!*

E era mesmo isso que ela tinha de fazer, pois era assim que as coisas funcionavam. Era o que ela mais detestava em mim, em tudo isto: o facto de eu ter o voto decisivo. De eu poder tomar aquela decisão.

Ela cuspiu-me nos pés, mas senti-a seguir-me escadas acima, praguejando entre fôlegos. Ocorreu-me a ideia de que ela poderia facilmente sacar da faca e atravessá-la na minha espinha.

O soldado que encontrara na rua não esperava ver-me, era óbvio. Levantei uma mão, tentando alcançar a dela, de modo a mandá-la embora, mas o som da arma da Vida a disparar sobre o meu ombro atirou-me para trás e para longe do soldado muito mais rapidamente do que o esguicho de sangue que saiu do pescoço dela.

— Nada dessas tretas, ouviste? — disse a Vida, levantando a arma ainda presa, de uma alguma forma, ao meu lado e enfiando-a na palma da minha mão. — Vai!

Os meus dedos curvaram-se à volta daquela forma familiar. Era a típica arma de serviço — uma *SIG Sauer P229 DAK* preta — que ainda, meses após aprender a dispará-la, a limpá-la, a montá-la, parecia demasiado grande para as minhas mãos.

Irrompemos pela noite. Tentei agarrar novamente a Vida, para que ela abrandasse e não se metesse num beco sem saída, mas ela desprezou-me totalmente. Começámos a correr pela ruela acima.

Cheguei à esquina mesmo a tempo de ver três soldados, queimados e a sangrar, tirando de arrasto duas figuras encapuçadas daquilo que parecia nada mais nada menos do que um esgoto. Aquele ponto de acesso não estava, definitivamente, nas pastas da operação que nos haviam sido dadas.

Prisioneiro 27? Não tinha a certeza. Os prisioneiros que estavam a pôr na carrinha eram homens, mais ou menos da mesma altura, e havia a possibilidade de um deles ser o 27. E essa possibilidade estava prestes a entrar numa carrinha e ser conduzida para longe, a desaparecer para sempre.

A Vida pressionou a orelha com uma mão, os lábios comprimidos até ficarem brancos.

— O Rob diz que nos quer lá dentro outra vez. Precisa de reforços.

Ela já estava a virar costas quando a agarrei novamente. Pela primeira vez, desde sempre, fui um pouquinho mais rápida.

— O nosso objetivo é o Prisioneiro 27 — sussurrei, formulando a frase de modo a tocar no seu sentido de dever estupidamente leal para com a organização. — E acho que é ele que ali está. Foi para isto que o Alban nos mandou, e se o prisioneiro foge, toda a operação vai ao ar.

— Ele... — protestou a Vida, sugando depois a palavra, qualquer que fosse, que lhe estava já na boca. Cerrou o maxilar, mas acenou com a cabeça, ainda que quase impercetivelmente. — Se nos afundares, eu não vou ficar na merda contigo. Só para saberes.

— Será tudo culpa minha — respondi —, não vai nada para o teu processo.

O seu historial de operações continuaria imaculado, a confiança que o Alban e a Cate depositavam nela continuaria intacta. A Vida só tinha a ganhar: ou ficava com os louros de uma operação bem-sucedida ou ficava a ver-me ser castigada e humilhada.

Continuei a olhar para a cena à nossa frente. Havia três soldados: podia tratar deles com as armas, mas, para ser mesmo útil, teria de me aproximar o suficiente para lhes tocar. Era este o único, e muito frustrante, limite das minhas capacidades que eu ainda não tinha conseguido ultrapassar, independentemente de toda a prática que a Liga me impunha.

Os dedos invisíveis que viviam no meu crânio mexiam-se impacientemente, como que revoltados por já não conseguirem escapar sozinhos.

Olhei fixamente para o soldado mais próximo, tentando imaginar os longos dedos a serpentear para fora do crânio, esticando-se no ladrilho, alcançando a sua mente desprotegida. *O Clancy conseguia fazer isso*, pensei. Ele não precisava de tocar nas pessoas para controlar a mente delas.

Engoli um grito de frustração. Precisávamos de outra coisa. De uma distração, de algo que...

O corpo da Vida era constituído por costas fortes e membros poderosos que faziam até os seus atos mais perigosos parecer graciosos e fáceis. Vi-a levantar a arma, fazer pontaria.

— Capacidades! — sibilei. — Vida, nada de armas! Vais colocar os outros em alerta!

Ela olhou para mim como se estivesse a ver os meus miolos remexidos a escorrer-me pelo nariz. Alvejá-los seria a solução rápida, ambas tínhamos perfeita noção disso, mas se ela falhasse e atirasse sobre um dos prisioneiros ou se eles comesçassem a disparar de volta...

A Vida levantou a mão, exalando um único fôlego, irritado. Depois, atirou as mãos ao ar. Os três Guardas Nacionais foram apanhados com tal precisão e força que foram arremessados até meio do quarteirão, contra os carros lá estacionados. Não bastava que a Vida fosse fisicamente mais rápida ou mais forte ou que tivesse a melhor pontaria de todos nós... tinha também de ser a melhor a controlar as suas capacidades.

Deixei que a parte emocional do meu cérebro se desligasse. A competência mais valiosa que a Liga das Crianças me ensinara consistia em expurgar o medo e substituí-lo por algo infinitamente mais frio. Poderíamos chamar-lhe calma, concentração, entorpecimento... o que quer que fosse chegou, mesmo com o sangue a cantar-me nas veias enquanto corria em direção aos prisioneiros.

Eles cheiravam a vômito, a sangue, a imundície humana. Tão diferente das linhas limpas e nítidas do *bunker* e do seu fedor a lixívia. O meu estômago contraiu-se.

O prisioneiro mais próximo aninhou-se perto da sarjeta, os braços atados por cima da cabeça. A sua camisa caía em pedaços dos seus ombros, emoldurando vergões e queimaduras e feridas que faziam as suas costas assemelhar-se a um prato de carne crua.

O homem virou-se na direção do som das minhas passadas, levantando o rosto da segurança dos seus braços. Arranquei-lhe o capuz da cabeça. Havia chegado ali com palavras tranquilizadoras dançando-me na língua, mas a visão daquele homem desconectara a minha boca do meu cérebro. Olhos azuis piscavam na minha direção sob uma cabeleira loura desajeitada, mas não consegui mexer-me, não consegui falar, nem mesmo quando ele se inclinou, afastando-se, para a luz amarela e pálida que vinha do candeeiro de rua.

— Mexe-te, idiota! — gritou a Vida. — O que é que te está a impedir?

Senti todos os pingos de sangue do meu corpo desvanecerem num golpe rápido e limpo, como se me tivessem alvejado em cheio no coração. E, de repente, percebi por que motivo a Cate havia batalhado tanto para me colocar noutra missão, por que motivo me haviam dito para não entrar no *bunker*, por que motivo não me haviam fornecido qualquer informação sobre o prisioneiro. Nem um nome, nem uma descrição, nem, claro está, qualquer aviso.

Porque o rosto que tinha à minha frente estava mais magro, exausto, gasto, mas era um rosto que eu conhecia, um rosto que eu... que eu...

*Ele não*, pensei, sentindo o mundo virar do avesso debaixo dos meus pés. *Ele não*.

Ao ver a minha reação, ele levantou-se lentamente, um sorriso insolente a tentar trespassar a sua expressão de dor. Esforçou-se para se colocar de pé e cambaleou até mim, parecendo dividido, pensei, entre o alívio e a urgência. Mas a cadência sulista do seu sotaque estava mais calorosa do que nunca, mesmo que a sua voz estivesse mais profunda, mais áspera, quando finalmente falou.

— Estou... tão bonito como me sinto?

E eu juro, juro, que senti o tempo a escapar-me entre os dedos.